

c u l t u r a

E J U V E N T U D E

de FERNANDO PITEIRA SANTOS

O problema da cultura não se pode pôr à juventude nos termos simples em que é usualmente tratado. Que a juventude não considera cultura o eruditismo sem crítica é um ponto assente. Que a juventude assumiu em face da cultura uma atitude de método e intransigência é outro ponto assente. Muitos não compreenderão a nossa intransigência quanto aos problemas da cultura, e mesmo quanto a todos os problemas da inteligência e da vida. Mas a nossa decisão de não ceder perante os inimigos da cultura e da vida, a nossa decisão de conquistarmos todos os dias novas possibilidades para a expansão da cultura e novas possibilidades para o melhoramento da vida, é, também, uma decisão firme.

Fique para outros o puro prazer espiritual do saber mal amontoado ou bem arrumado, fique para outros a contemplação platónica dos problemas, a voluptuosidade das idúvidas metódicas ou não-metódicas; para nós a cultura não é um prazer do espírito é um dever de acção. Dever de acção que se desdobra em múltiplos problemas, em múltiplos deveres de acção.

A nossa cultura não consiste numa aquisição passiva de conhecimentos, consiste na construção diária de uma experiência e de uma cultura, consiste na intervenção diária e combativa contra as forças da anti-cultura.

Construir uma cultura e construir as possibilidades de expansão e afirmação dessa cultura. Estudar a realidade nacional e participar na transformação da realidade nacional. Criar uma arte e uma literatura e criar as condições objectivas para o triunfo dessa arte e dessa literatura. Estudar e agir.

Sem essa acção quotidiana essa cultura não será mais que o recreio duma elite. Não importam as qualidades dessa

élite, mas, precisamente, a sua condição de elite. E a cultura que se põe à juventude como um problema não pode ser a cultura duma elite, ainda que duma elite esclarecida e animada duma real acuidade.

Essa cultura deverá ser património das mais largas massas, essa experiência deve ser adquirida nos acidentes de todos os dias, e é do facto de constituírem uma lição contínua e colectiva que, essa cultura e essa experiência, serão um elemento seguro da sua consciencialização e do seu avanço no caminho das soluções definitivas.

Porque a cultura que a geração portuguesa da guerra—aquela que nasceu em 1914-1918 tem hoje vinte e poucos anos—saberá edificar, não é uma cultura desgarrada da vida; será, no melhor sentido, uma cultura tecnológica, onde se integrem as técnicas do pensamento e as técnicas do domínio da natureza pelo homem.

Não mais a cultura será a teoria celestialmente isenta das determinações da vida. Não mais a cultura animará as técnicas da morte e da devastação. Uma cultura que se oriente pela utilidade humana, será uma cultura da vida, da alegria, da confiança, da saúde.

O primeiro desta cultura não poderá ser o «intelectual» que, encerrado no seu gabinete, se furta cuidadosamente aos rumores, e aos gritos, das ruas, dos campos, e das fábricas. O «herói» deste humanismo novo, deste humanismo que—experiência e teoria—se caldeará todos os dias em todas as ruas, e em todas as cidades, e em todas as aldeias, será o homem que sua e sofre, o homem que estuda, o homem que age, esclarecido das suas ansiedades e vivendo todos os dias as suas ansiedades, que para sua força não são só suas.

(Ficam para aí palavras co-

mo força e utilidade. Força? Utilidade? Que mal te soam estas palavras quando se fala pacificamente de cultura. Cultura útil? Força da cultura? Exactamente. Foi isso mesmo que quisemos escrever.)

Essa cultura útil põe à juventude portuguesa um duplo problema. Em primeiro lugar o estudo dos problemas vitais da nação—regimen de propriedade, culturas agrárias, industrialização, electrificação, irrigação, desemprego, balança comercial, feudalismo económico, colónias, influências económicas estrangeiras, analfabetismo, etc.; em segundo lugar o empreendimento duma campanha pró-cultura popular e extinção do analfabetismo.

Num país em que se lê pouquíssimo, o público leitor distribui-se pelas camadas sociais que têm capacidade económica para a aquisição dos livros e para agüentar os pesados encargos da educação oficial, ou semi-oficial, média e superior.

Num país de extraordinária indigência mental vai-se beber a cultura possível a fontes estrangeiras e, assim, os conhecimentos vão-se tornando propriedade exclusiva duma elite restrita, que vive folgada e ociosamente.

Conseqüentemente o povo vê-se arredado do convívio dos livros, quer por impossibilidade económica, quer em razão do analfabetismo.

A obra cultural da juventude é essa: extinguir o analfabetismo e estudar as realidades nacionais. As soluções para os nossos problemas particulares não cairão do céu. A geração portuguesa que nasceu enquanto a Europa ardia, saberá, nas vésperas dum novo incêndio,—e aproveitando a lição recolhida por outros povos—encontrar soluções portuguesas para os problemas portugueses.

justiça

e injustiça

Ainda nos recordamos do entusiasmo com que o nosso professor de filosofia do liceu tentava persuadir-nos de que haveria hoje menos loucura no mundo se os mestres do pensamento contemporâneo fôsem mais atentos aos ensinamentos de Platão. O desprezo da justiça e dos «grandes princípios», a teoria segundo a qual é a força que cria o direito e nenhuma outra lei se impõe aos fortes senão a da sua própria força—pensam alguns homens serem descobertas do nosso século. Que ingratidão para Cálcles! Cálcles era um jovem ateniense, rico, que ingressou na escola de certos sofistas estrangeiros e que, no *Górgias* de Platão, dá a Sócrates uma lição tão repleta de convicção desdenhosa como de piedade condescendente. Devemos confessar que ele foi tido durante alguns séculos como a mais impertinente das personagens de comédia.

Mas como ele conseguiu salvar-se desse descrédito!

El-lo transformado num dos grandes teóricos do homem moderno: «A lei, proclamava ele, é feita pelos fracos e pelo grande número. Ora, a natureza mostra-nos por toda a parte, entre os animais e entre os homens, nas cidades e nas famílias, que o sinal do justo é a dominação do poderoso sobre o fraco».

Havemos de convir que nada falta a esta profissão de fé, nem mesmo a pequena substituição de termos que permite chamar *justo* aquilo a que os homens teem dado, desde todos os tempos, o nome de *injusto*. Nem sequer lhe falta a sua grande actualidade.

Mais um progresso da TÉCNICA

A arte fonográfica vai sofrer uma profunda modificação com um recente invento russo. Os discos vão ser substituídos por rolos de papel em fonógrafos especiais.

São incalculáveis as vantagens deste invento. Entre outras, destacam-se as seguintes: o papel não tem a fragilidade dos discos, é menos incómodo, mais sólido e muito mais barato. O preço de um rolo sonoro não excederá o de um jornal diário.